

o

s

e

s

p

PODCAST **Aqui a música toca | Osesp 70 anos**

EPISÓDIO 1

Nasce uma orquestra brasileira

[Entra a melodia do Bolero, de Ravel]

SANDRA ANNENBERG:

Você certamente já ouviu essa música antes. É o Bolero de Ravel, uma dessas obras que todo frequentador de salas de concerto sabe de cor, mas que nem precisa ser ouvinte assíduo de música clássica para conhecer. Como a Primavera, das As quatro estações de Vivaldi, inclusive música com a qual eu casei... [entra Primavera] ou a Pequena Serenata Noturna, de Mozart... [entra a Serenata].

[volta para o Bolero, que recebe outras roupagens, outros cenários]

Talvez você conheça o *Bolero* porque, assim como outras peças importantes da música clássica, vira e mexe ele aparece em festas, filmes, comerciais de TV, desenho animado e até na trilha que embala o pôr do sol em uma praia na Paraíba, onde um saxofonista toca o Bolero todo santo dia para os turistas.

[*Bolero* retorna à sala de concerto]

Mas antes da gente continuar essa conversa, deixa eu me apresentar. Eu sou a Sandra Annenberg e este é o primeiro episódio de “Aqui a música toca”, uma série para comemorar os 70 anos da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a Osesp, que, além do *Bolero*, vem tocando obras que, de algum jeito, também fazem parte da sua vida. Uma Orquestra cuja trajetória é cheia de desafios, alguns perrengues e, claro, muitas conquistas.

Vem comigo que vou te contar em sete episódios como tudo isso aconteceu, sempre acompanhada de muita música... Entrevistas, boas histórias, algumas surpresas e momentos apoteóticos, como esse final que o Ravel deu ao Bolero...

[final do *Bolero*, com palmas]

Emocionante, né? Pois é... A gente escolheu começar a contar a história da Osesp ao som da música do francês Maurice Ravel exatamente porque seu *Bolero* deixa claro a complexidade que é montar uma orquestra.

[Início do *Bolero* ao fundo]

CAMILA FRESCA:

O *Bolero* é uma obra já da maturidade do Ravel, ele já tinha mais de 50 anos, encomenda que ele recebeu da bailarina Ida Rubinstein, que queria uma peça curta e com motivos espanhóis. O próprio Ravel tem uma ascendência basca, a mãe dele, né? Ele foi buscar esse material e ele compôs uma peça muito simples, de cerca de 15 minutos de duração, para esse balé e que acabou virando um grande hit.

SANDRA ANNENBERG:

Essa é Camila Fresca, jornalista e pesquisadora de música clássica. Ela descreve o *Bolero* como uma peça simples porque ele apresenta só duas partes repetidas diversas vezes, mas a cada instante com novos instrumentos.

CAMILA FRESCA:

Então, ela começa na flauta, depois passa para o clarinete, depois o fagote. A cada vez que essa melodia vai se repetindo, uma camada a mais vai se introduzindo. Por isso que dizem que é um grande exercício de orquestração, Ravel era um grande orquestrador.

[sobe o *Bolero*, ao fundo]

SANDRA ANNENBERG:

Viu só? Orquestração... ou seja, criar música pensando na diversidade de musicistas e instrumentos que só uma orquestra tem para oferecer, e que a Camila vai explicar para a gente.

[Conforme Camila menciona os instrumentos, eles soam ao fundo]

CAMILA FRESCA:

Bom, a gente tem naipes ou famílias, né? Basicamente as cordas, as madeiras, os metais e a percussão.

Dentro de cada família é que a gente vai ter subdivisões, por exemplo...

Nas madeiras a gente tem: a flauta, o oboé, o clarinete e fagote...

A família das cordas é composta pelo violino, viola, violoncelo e contrabaixo, né?

Já os metais: trompete, trompa, trombone e tuba...

E a percussão, que tem uma família grande.

São esses os instrumentos que compõem basicamente uma orquestra, o número deles é que pode variar.

SANDRA ANNENBERG:

E apesar da variedade de instrumentos, a repetição da melodia faz com que a gente se conecte com a música.

CAMILA FRESCA:

A música, ela é uma arte que se desenvolve no tempo. Então, diferente de um quadro em que o espectador é que tem o seu tempo de apreciação ou até de um livro, da literatura, se eu me distrair ou se a coisa é muito difícil, eu volto e leio novamente, eu leio na velocidade que eu quero... Na música não, a velocidade numa performance está dada e o ouvinte que lute, né? Então, para dar conta de todas aquelas informações que vão sendo dadas, a repetição é um elemento fundamental tanto de memorização, quanto também de organização daquela estrutura.

Então a gente precisa de repetição como um reconhecimento. Senão, se a obra se desenrola no tempo e ela nunca volta, aquele tema que só foi dado uma vez e só vai te dando novas informações o tempo inteiro, é muita informação para o ouvinte que não pode parar, que não pode voltar sozinho.

[Entra música tocada por Souza Lima como transição]

SANDRA ANNENBERG:

Assim como a música, a Osesp é uma obra que se desenrola no tempo. E o primeiro ato dessa obra foi o concerto regido pelo maestro Souza Lima, em 1953, no teatro Cultura Artística. Um ano depois, a criação da Osesp seria oficializada, com o decreto assinado pelo então governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez. Um ato formal que funcionou mais no papel do que na vida real. Os primeiros anos da Osesp foram marcados por muita instabilidade, com mais interrupções do que apresentações.

E para contar a história do começo da Osesp, a gente continua com o Ravel mas, no lugar do Bolero, entra a valsa...

[entra *La Valse* ao fundo]

Mas não é uma valsa comum... alegre, suave e feita para dançar. *La Valse* é uma valsa interrompida. E quem conta sobre essa interrupção é o professor e pesquisador Jorge de Almeida.

JORGE DE ALMEIDA:

Essa obra é composta por Ravel, um grande compositor francês, ele já tinha a ideia, desde a juventude, de compor uma homenagem à valsa vienense. Ele era muito ligado à música vienense e cultivou esse projeto durante anos até que teve início a Grande Guerra. E a França e o Império Austro Húngaro, o mundo germânico, ficaram em lados opostos. Esse intercâmbio musical foi interrompido e, na verdade, ficou muito tenso.

Ravel se alistou, se voluntariou para lutar na guerra, mas ele já tinha 39, 40 anos e ele, no final, acabou sendo apenas motorista de caminhão. Mas, mesmo assim, sofreu algumas aventuras. Em 1917, 1918, ele retoma o projeto e aí essa valsa nasce e já é configurada de uma maneira completamente diferente. Em vez da valsa, que é um símbolo de alegria e sensualidade da corte, de conagraçamento e convivialidade, nós temos uma valsa entrecortada por interrupções melódicas, rítmicas, harmônicas, uma valsa desconjuntada, cheia de anacruses, em que a progressiva variação vai se tornando cada vez mais tensa...

[*La Valse*, que estava ao fundo, vem à tona]

SANDRA ANNENBERG:

Assim como a valsa interrompida de Ravel, o começo da Osesp também teve seus percalços...

ARCADIO MINCZUK:

Eu creio que a história da Orquestra, com tantas interrupções... eu não admitiria que fosse de fato uma orquestra.

SANDRA ANNENBERG:

Esse é o Arcadio Minczuk, oboísta da Osesp desde 1981 e grande conhecedor da história da orquestra, contando sobre o concerto inaugural, aquele que eu mencionei há pouco, que aconteceu em 53, sob regência de Souza Lima...

ARCADIO MINCZUK:

Foi regido por Souza Lima, [Alexander] Brailowsky era um pianista de fama internacional e tocou como solista neste concerto que aconteceu no teatro Cultura Artística, mas só foi esse concerto. A lei foi criada, mas tem que regulamentar, criar os cargos... tudo isso não foi feito. A Orquestra voltou só 10 anos depois, em 1964, sob a batuta do Bruno Roccella e durou só até 1967, interromperam os trabalhos assim, sem nenhuma satisfação. E só retornou depois, em 1973, sob a batuta de Eleazar de Carvalho.

[*La Valse* segue ao fundo]

SANDRA ANNENBERG:

Pois é, esse é um resumo rápido das duas primeiras décadas da Osesp: apresentações esporádicas com o maestro Souza Lima, seguida de dez anos de silêncio. Depois, em 1964, a chegada do italiano Bruno Roccella, que fez algumas apresentações ao longo de três anos, e um novo hiato de seis anos.... Haja interrupção, né...

[*La Valse* em trecho 'interrompido']

Os primeiros anos da Osesp foram marcados por falta de continuidade e de um projeto para a Orquestra. Mas não por falta de talento...

[Souza Lima tocando Villa-Lobos]

CAMILA FRESCA:

O Souza Lima era um grande pianista, né? Ele foi muito jovem para Paris, em 1919. Ele foi estudar e primeiro ter aulas particulares. Depois ele entra para o Conservatório de Paris, ele ganha prêmios, ele faz uma carreira importante. E ele é uma espécie de cicerone do Villa-Lobos. Quando Villa-Lobos chega em Paris, em 1923, não conhece ninguém, está perdido, é o Souza Lima quem o introduz no ambiente parisiense...

SANDRA ANNENBERG:

Aqui de novo, a Camila Fresca, contando a relação do Souza Lima, o primeiro maestro da Osesp, com Heitor Villa-Lobos, um dos maiores compositores de música clássica que o Brasil já teve.

CAMILA FRESCA:

O Souza Lima vai ser responsável, assim, por revisar obras para piano do Villa-Lobos, por apresentar, como eu disse então, o primeiro sarau privado que o Villa-Lobos consegue na casa de um editor de revista importante. É o Souza Lima que consegue. É o Souza Lima que vai lá defender as obras dele. Então o Souza Lima era um grande músico, foi um grande amigo e apoiador do Villa-Lobos e o Souza Lima depois, mais para frente, quando já retorna para o Brasil, ele também faz carreira como regente. E é como regente que ele vem na década de 50 para fundar a Orquestra Sinfônica do Estado.

SANDRA ANNENBERG:

Fundar uma orquestra que, como a gente ouviu, teve um começo bem difícil: os músicos não tinham contrato assinado, ganhavam pouco, pegavam outros trabalhos para fechar o mês, os ensaios eram interrompidos de repente, não tinha nem um espaço para ensaiar e um palco para se apresentar. As dificuldades eram tantas, que, para não pagar hotel, a orquestra viajava durante à noite quando ia tocar em outra cidade. E, em uma dessas viagens, na década de 60, aconteceu um acidente fatal. Quem conta essa história é o Arcadio Minczuk.

[fundo sóbrio tocando]

ARCADIO MINCZUK:

Na verdade, era uma viagem de retorno de São José do Rio Preto e houve algum problema com o ônibus e ele não conseguiu passar por uma ponte e isso era madrugada. Estava tudo escuro, não tinha iluminação e só os faróis do ônibus estavam ligados... E o que aconteceu? Os músicos desceram, tinha uma ponte, uma represa embaixo e depois, quando conseguiram solucionar o problema e pediram para que os músicos voltassem, um deles, o Domingos Nigro, se eu não me engano, é um violinista. Ele estava voltando, mas a vista dele ficou ofuscada por causa das luzes fortes dos faróis e ele não percebeu, ele esbarrou na mureta e caiu dessa ponte.

SANDRA ANNENBERG:

Estes primeiros anos interrompidos e improvisados da Osesp ficaram para trás com a chegada do maestro Eleazar de Carvalho, em 1973. Eleazar não só foi um dos maiores regentes que o Brasil já teve, com passagens pelas filarmônicas de Berlim, Nova York e Londres, como plantou a semente da orquestra que nós conhecemos hoje.

[Entra trilha final, comentando o próximo episódio]

Mas isso eu te conto no próximo episódio... nele você vai ouvir como um músico da Osesp se prepara pra longas horas de ensaios e concertos...

ARCADIO MINCZUK:

Eu faço alongamentos, isso é muito importante, a gente tem que fazer. Eu vou voltar a academia agora, que eu tô com 60 anos, vou voltar. Faço caminhada... e cada vez mais eu tô preocupado em intensificar esse treinamento.

SANDRA ANNENBERG:

Vai descobrir quem é o spalla e por que ele tem um papel essencial no conjunto da orquestra...

EMMANUELE BALDINI:

O spalla tem uma função de agregador de um grupo. É um pouco como, voltando a comparação de um time de futebol, é um pouco como o capitão.

SANDRA ANNENBERG:

E vai escutar o nosso spalla voltando no tempo e tocando suas primeiras frases no violino. Com alguns probleminhas...

EMMANUELE BALDINI:

Com sete, oito, nove anos eu não tinha as ferramentas técnicas necessárias para tocar... saía de qualquer jeito, eu não tinha o vibrato, que é essa oscilação das notas. E a afinação era muito precária, sobretudo com várias mudanças de posição no violino.

[Osesp toca *Scheherazade*, de Nikolai Rimsky-Korsakov]

| o

| s

| e

| s

| p

Este episódio teve áudios da Osesp. Você também ouviu o *Concerto para piano e orquestra - Maracatu*, de Henkel Tavares, e *Saudades das selvas brasileiras*, de Heitor Villa-Lobos, ambos interpretados por Souza Lima.

No portal de conteúdo do site **osesp.art.br** você encontra mais sobre este capítulo da história da Orquestra.

“Aqui a música toca” é uma produção Ser Sonoro, com realização da Fundação Osesp e do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas.